
Condições de trabalho digital de jornalistas no Ceará: apontamentos preliminares¹

Rafael Rodrigues da COSTA²

Universidade Federal do Ceará e Universidade de São Paulo

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar considerações preliminares acerca das condições de trabalho digital (FUCHS; SANDOVAL, 2014) de jornalistas no Ceará, a partir dos subsídios de pesquisa pós-doutoral em andamento. O principal alicerce teórico da investigação é o pensamento que intersecciona comunicação e trabalho, em especial as contribuições mais recentes do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT). A triangulação de métodos e dados (JENSEN; JANKOWSKI, 1993; FIGARO, 2014) é apresentada como horizonte metodológico. Podemos observar, de maneira preliminar, que a plataformização incide de maneira decisiva no trabalho dos jornalistas cearenses, delimitando rotinas de produção, relações de trabalho e mesmo a subjetividade desses sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; comunicação e trabalho; trabalho digital; plataformização; Ceará.

INTRODUÇÃO

A onipresença dos dispositivos digitais no cotidiano das pessoas é um cenário palpável em áreas tão diversas quanto a economia, a política, a saúde pública, entre outras. Assim como em outros momentos históricos em que as práticas de comunicação foram decisivas para a caracterização do tecido social, é possível dizer que, sem o trabalho de jornalistas, publicitários, relações públicas e profissionais de audiovisual, além de outros agentes, seria impossível definir a cultura digital nos termos atuais.

O crescente esforço conceitual para se definir, na pesquisa acadêmica, o que é trabalho digital³ indica, por si só, a necessidade de se compreender os agenciamentos e pontos de tensão suscitados pela assimilação indiscriminada daqueles dispositivos em nossas vidas. Nesse sentido, podemos definir trabalho digital, numa primeira aproximação, como consistindo na adoção de algum elemento ou componente digital no fluxo de uma determinada atividade de trabalho (FUCHS; SANDOVAL, 2014). Num ambiente globalizado, é possível que os aparatos digitais utilizados para a realização das atividades de trabalho sejam padronizados e produzidos em centros específicos. Exemplos dessa concepção podem ser encontrados na execução de tarefas como a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação e Trabalho do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professor da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Linguística pela UFC. E-mail: rafaelrg@ufc.br

³ Podemos mencionar, entre as investigações que buscam elucidar esse conceito, Grohmann (2021) e Grohmann *et al* (2021).

operação no mercado financeiro, a gestão de estoques numa empresa ou ainda a realização de cirurgias teleguiadas.

Contudo, a conversão dos comunicadores em trabalhadores digitais se dá, muitas vezes, em infraestruturas inteiramente digitais em torno das quais a atividade laboral desses sujeitos ocorre. Essa constatação autoriza uma segunda concepção de trabalho digital, complementar à apresentada anteriormente, que o caracteriza em termos de um trabalho mediado, organizado e governado por plataformas digitais (CASILLI, 2019; CASILLI, 2020). Aqui, chamamos a atenção para as relações de dependência que podem se configurar entre as atividades de trabalho na comunicação e o funcionamento dessas infraestruturas digitais, sobremaneira suas lógicas de obtenção de valor (ANTUNES, 2020).

D'Andréa (2020) assinala que as plataformas digitais possuem como singularidade a crescente adoção de uma arquitetura computacional, operada por meio de algoritmos, baseada na conectividade e no intercâmbio de dados. Esse aparato garante a possibilidade de haver trabalho digital, uma vez que providenciam “as bases técnicas para novas organizações do trabalho” (WOODCOCK; GRAHAM, 2019, p. 20).

A dependência das plataformas para a realização de um sem-número de atividades é atestada por estudos diversos, que enfatizam como esse modelo de infraestrutura se infiltra no modo de produção capitalista. Morozov (2018) pondera que as plataformas instituem um extrativismo de dados, participando em processos de documentação, filtragem e extração de informações, tomadas como valor. Por sua vez, Poell, Nieborg e Van Dijck (2020) consideram que a plataformização abrange, além da penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores, a reorganização de práticas e imaginários culturais em torno dessas plataformas.

O jornalismo se vê afetado pelos processos de plataformização, que impõem, entre outras coisas, agendas editoriais, modelos de negócio e meios de distribuição das produções. No contexto cearense, pesquisas anteriores (COSTA *et al*, 2020; COSTA *et al*, 2021) demonstram a incidência de tais fenômenos sobre o trabalho dos jornalistas. A partir desse arcabouço, definimos como objetivo desta investigação discutir as condições de trabalho digital dos comunicadores cearenses. Neste artigo, o objetivo é debater os processos de produção que organizam esse trabalho, considerando as

evidências disponíveis até o momento na pesquisa pós-doutoral⁴ que subsidia o presente trabalho.

COMO TRABALHAM OS JORNALISTAS NO NORDESTE E NO CEARÁ?

De um mercado em expansão a um ambiente em retração e reconfiguração. É assim que se pode descrever a dinâmica do campo jornalístico no intervalo nos últimos 10 anos, a partir, por exemplo, de pesquisas como o Perfil do Jornalista Brasileiro. Sob o signo de uma constante mutação — tecnológica, de valores, de condições de trabalho —, o jornalismo se apresenta como um objeto fugidivo, de difícil caracterização. Nesse sentido, o que parece certo é o estado de convulsão do campo jornalístico, que, como observa Carlos Franciscato (2019)⁵, busca responder a incômodos, desafios e oportunidades que perduram a longo, médio e curto prazos em sua trajetória enquanto profissão e área de conhecimento. Já Rogério Christofolletti (2019) afirma haver em curso uma crise multidimensional do jornalismo e que, para dirimi-la, é preciso olhar cuidadosamente para cada uma das dimensões que a provocam, das quais as mais visíveis são as fragilidades do modelo de negócios e da credibilidade jornalística.

A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 define como "muito mais complexa e precária" (LIMA *et al*, 2021, p. 8) a situação do jornalismo em nosso país, diante do que se verificou em 2012, ano da primeira edição da pesquisa. O estudo recomenda urgência na adoção de estratégias de proteção do emprego, da saúde e do bem-estar dos jornalistas brasileiros, cujas carreiras sentem o impacto de fenômenos como a plataformização (BARROS *et al*, 2021; GROHMANN, 2020), que impõe crescente dependência de plataformas digitais para a realização de diferentes atividades inerentes às rotinas de produção, seja em ambientes mais notadamente hegemônicos, seja em arranjos independentes de jornalismo (COSTA *et al*, 2020).

Na região Nordeste, terceira maior do Brasil e com 75% da população vivendo com apenas um salário mínimo, um desafio notável é ampliar a presença do jornalismo num cenário de persistente desigualdade. O Censo 2021 do projeto Atlas da Notícia

4 A pesquisa, intitulada Condições de trabalho digital de comunicadores no Ceará, está em andamento desde fevereiro de 2023 e será realizada até fevereiro de 2024, na Universidade de São Paulo, sob a supervisão da professora Roseli Figaro.

5 Palestra proferida em 25 de junho de 2019, na Escola de Comunicações e Artes, na Universidade de São Paulo, durante o Seminário “Ainda é possível falar em Jornalismo?”, realizado pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP).

revelou que 62,4% dos municípios nordestinos ainda são desertos de notícias — isto é, locais em que não há nenhum veículo jornalístico em funcionamento. É o segundo maior percentual do Brasil, um pouco abaixo da região Norte (63,1%), no primeiro lugar. Contudo, o mesmo levantamento apontou que 71 municípios da região deixaram de ter o status de desertos de notícias, impulsionados pela criação de veículos online e rádios.

Dados regionais da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro ratificam tendências já descritas no relatório de abrangência nacional do Perfil. São evidentes, por exemplo, os indícios de precarização do trabalho de jornalistas, estejam eles dentro da mídia ou fora dela, assim como se pode inferir que o profissional jornalista está mais adoecido, premido pelas jornadas de trabalho mais longas, pela insatisfação com os ganhos salariais ou ainda pelas escassas perspectivas de ascensão funcional. As evidências de precarização das condições laborais no Nordeste são, por vezes, mais intensas que as identificadas na pesquisa nacional. A empregabilidade mais estável no Nordeste, por exemplo, atinge menos trabalhadores do jornalismo do que o verificado em escopo nacional. A renda, por sua vez, é outro fator de aviltamento do ofício de jornalista em nossa região — cerca de 60% dos jornalistas nordestinos declararam receber até R\$ 4.400, enquanto nacionalmente esse contingente é de 43,6% dos respondentes.

Do ponto de vista identitário, o jornalista nordestino é, cada vez mais, pertencente a uma faixa etária acima de 40 anos, assumidamente preto e pardo e também melhor instruído do ponto de vista da educação formal, além de possuir, em sua grande maioria, registro profissional.

Por sua vez, o Ceará, que teve uma quantidade expressiva de respondentes nessa pesquisa, parece seguir uma rota semelhante de aviltamento do trabalho dos jornalistas — ao que tudo indica, um processo intensificado pela pandemia de Covid-19 no Brasil. Ritmo de trabalho mais pesado, eventuais despesas financeiras com equipamentos de trabalho — uma vez que o teletrabalho segue como possibilidade na rotina de uma parte dos profissionais — e adoecimento físico e mental foram algumas das consequências da pandemia para comunicadores cearenses (COSTA; SILVA, 2020). Em nossa pesquisa pós-doutoral, os primeiros dados revelam a permanência de alguns desses indícios de rebaixamento do trabalho de jornalistas.

A pandemia também parece ter aprofundado a dependência dos profissionais em relação às tecnologias digitais. O Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 revela que 61,5%

dos profissionais atuantes na mídia trabalhavam em algum meio online. A função "gestor de mídias sociais" está entre as mais mencionadas pelos informantes, com ocorrência em 2,7% das respostas — há ainda outras funções relacionadas a plataformas mencionadas como resposta à pergunta que solicitava do respondente a descrição de sua função (LIMA, 2021). Dados como esses indicam a centralidade das tecnologias em rede para o exercício profissional do jornalista brasileiro. Em se tratando da atuação de veículos jornalísticos, as infraestruturas geridas pelas *big techs* têm sido um destino preferencial de parte significativa do trabalho dos profissionais, sendo essa uma dimensão peculiar para um entendimento do fenômeno da plataformização do campo.

DECISÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa assume, como horizonte teórico e metodológico de referência, o pensamento que intersecciona comunicação e trabalho, em especial as contribuições mais recentes do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT). Em suas pesquisas, essa unidade de investigação assume o trabalho como uma atividade humana que orienta o reconhecimento dos indivíduos como seres sociais. Nesse sentido, como aponta Fígaro (2008), o trabalho escapa à definição mais imediata de relação de troca remunerada e se constitui, antes disso, como condição e necessidade física da vida humana.

A comunicação permite observar o mundo do trabalho a partir do conjunto de forças produtivas que sustentam a produção, a circulação e o consumo dos bens em uma sociedade e suas formas culturais. Retomando Williams (2011), Fígaro (2018) conceitua os meios de comunicação como meios de produção — o que significa dizer que são intrínsecos a todas as formas distintamente humanas de trabalho e de organização social. Ato contínuo, a linguagem aparece como sistema essencial para se pensar o trabalho, uma vez que oportuniza a adoção de condutas verbais e outras práticas de interação que estruturam as atividades humanas em sua dimensão coletiva.

Diante disso, a pesquisa admite a importância de acessar sentidos produzidos por jornalistas do Ceará em situações de trabalho digital, assim como as condições de produção dessas atividades de trabalho. Como estratégia compatível com esses propósitos, indicamos a triangulação metodológica de métodos e dados (JENSEN; JANKOWSKI, 1993; FIGARO, 2014). Esse caminho é sustentado pela tentativa de se

compreender em profundidade um dado fenômeno, expondo-o ao escrutínio de múltiplos instrumentos de obtenção de dados, de teorias, métodos e mesmo de investigadores.

Nesta pesquisa, lançamos mão da triangulação de dados e métodos para acessar um universo complexo por meio de abordagens distintas em escopo e propósitos. Entre os procedimentos metodológicos previstos, estão a realização de entrevistas semiestruturadas⁶ com 10 jornalistas atuantes no Ceará, além de pesquisa documental, bibliográfica e observação em plataformas. No momento da produção deste artigo, a pesquisa se encontra na fase de revisão bibliográfica, pesquisa documental e realização de entrevistas — a primeira das 10 entrevistas previstas foi realizada, com uma jornalista do gênero feminino, de 24 anos, atuante em veículo de mídia hegemônica. Essa profissional atua produzindo material jornalístico em profundidade, com uso frequente de recursos multimídia e interativos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de ser o oitavo maior estado do Brasil, o Ceará é apenas o 14º em quantidade de veículos de comunicação de acordo com o Atlas da Notícia (2022) — são 278 veículos mapeados, ou 2% do total de veículos no Brasil. A maior parte desses são veículos de radiodifusão (188 ao todo), enquanto veículos online chegam a 46. Dos 184 municípios do Ceará, 96 são considerados desertos de notícias, isto é, não possuem nenhum veículo de comunicação mapeado. Os maiores veículos de mídia do Ceará se concentram na capital Fortaleza. São, em sua maioria, filiais locais ou regionais de grupos de comunicação estabelecidos nacionalmente. De outro lado, observa-se a proliferação de iniciativas de jornalismo independente e/ou alternativo no Ceará, ocupando espaços online e em plataformas de redes sociais (COSTA *et al*, 2020).

As condições de trabalho digital dos jornalistas cearenses refletem, em diversos aspectos, a experiência de ser jornalista no Brasil. São nítidas, por exemplo, as evidências de precarização das condições laborais no Nordeste, inclusive de forma mais intensa que o identificado na pesquisa nacional. A empregabilidade mais estável no Nordeste atinge menos trabalhadores do jornalismo do que o verificado em escopo nacional. A renda, por sua vez, é outro fator de aviltamento do ofício de jornalista em

6 O projeto de pesquisa (CAAE 67234422.5.0000.5390) foi aprovado, em 13 de março de 2023, no Comitê de Ética da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

nossa região — cerca de 60% dos jornalistas nordestinos declararam receber até R\$ 4.400, enquanto nacionalmente esse contingente é de 43,6% dos respondentes.

A jornalista entrevistada no âmbito de nosso projeto pós-doutoral evidencia a insatisfação com os ganhos obtidos como jornalista. A profissional possui apenas esse emprego. Em seu comentário, ela aponta para a natureza estrutural, coletiva, do déficit remuneratório da categoria.

Em geral, os jornalistas não são remunerados de maneira justa. Eu entendo que é um problema da categoria. A categoria, em si, não é bem remunerada. Pro tanto de coisas que eu faço, pro tanto de responsabilidades que eu tenho quando outros entram de férias (...) pro tanto de coisas que eu mesma supro, como meu 3G, meu computador e tudo isso, eu não recebo nem perto do justo, do que eu deveria.

Nessa passagem, a jornalista também alude ao fato de utilizar, com certa frequência, recursos próprios para a realização de atividades de trabalho. Na região Nordeste, mais da metade dos respondentes (51,5%) do Perfil do Jornalista Brasileiro indicaram que, considerando os seis meses anteriores à resposta (que ocorreu no segundo semestre de 2021), a sua infraestrutura de trabalho foi custeada por conta própria, o que repete o quadro nacional (47%) e sugere as deficiências infraestruturais dos ambientes de trabalho ou um movimento deliberado das empresas na tentativa de redução de custos de produção.

A pandemia da Covid-19 parece ter acelerado o aprofundamento da dependência do jornalismo local em relação ao digital. O trabalho em *home office*, frequentemente realizado com ferramentas de propriedade do próprio profissional, foi incorporado às rotinas de uma quantidade expressiva de jornalistas cearenses (COSTA, SILVA, 2020). Os comunicadores — entre eles os jornalistas — sinalizam ter experimentado variantes do trabalho digital por imposição dos empregadores durante esse período. A jornalista por nós entrevistada aponta para a permanência do teletrabalho em determinados contextos, como plantões e, eventualmente, em razão de limitações técnicas no ambiente da redação.

As pesquisas sobre a organização do trabalho de comunicadores em plataformas no Brasil e também na América do Sul têm mostrado novas formas de comunicação e organização da produção por meio de espaços como “redações virtuais” (SILVA, 2019). É possível afirmar, no atual estágio de nossa investigação, que essa modalidade de produção se assenta num uso extensivo de plataformas digitais, muitas delas

proprietárias (ARAÚJO; COSTA, 2022), cuja adoção se intensificou no contexto de *home office* imposto pela pandemia. A jornalista entrevistada observa haver, por exemplo, uma dependência acentuada de ferramentas e funcionalidades da Google e da Microsoft, sem as quais a produção ficaria seriamente comprometida. Esse cenário remete ao que Barros *et al* (2021) descrevem como uma das dimensões da plataformização do trabalho jornalístico, a saber, a dependência dos veículos midiáticos em relação às plataformas digitais globais.

Não é como se eu não conseguisse trabalhar se não tivesse [as plataformas das *big five*] mas seria extremamente cansativo e muito difícil. Eu poderia ligar para as pessoas normalmente, mas elas não atendem mais telefone. É mais fácil atender a ligação do WhatsApp, o que implica que a pessoa tem você no aplicativo ou coisa parecida, do que atender o telefone normal. Toda a parte de produção é afetada. Se não tivesse o Windows, eu não poderia usar o Excel ou o Word. Toda minha produção está no Drive [da Google]. Então, eu precisaria escrever no caderno pra poder alimentar a plataforma própria da empresa e publicar a matéria. Toda a rotina, todo o esquema do trabalho, depende destas plataformas estarem funcionando.

A profissional categoriza as ferramentas utilizadas em dois grupos principais. Aquelas mais destinadas ao contato com fontes, como os aplicativos de videochamadas utilizados para gravação de entrevistas — no caso, o Google Meet é a ferramenta utilizada. Já o WhatsApp surge como meio de contato primordial com fontes, inclusive para realização de entrevistas. A outra categoria de ferramentas é aquela destinada à produção de conteúdos, tais como Flourish, Genially e outras que permitem, por exemplo, elaborar visualizações e infográficos, muitas vezes interativos, em meio digital.

Ao mesmo tempo, a empresa na qual trabalha tem buscado desenvolver scripts e códigos próprios que permitam a inserção de elementos multimídia (carroséis, parallax, galerias de imagens etc.) em reportagens exclusivas para a web. Esse desenvolvimento fica a cargo de uma equipe de profissionais de tecnologia que, em alguns dos casos, atendem as demandas da editoria da jornalista, exatamente aquela responsável pela elaboração de conteúdo em profundidade para a web. Em outras ocasiões, a equipe de desenvolvimento apresenta protótipos de soluções aos jornalistas sem demanda prévia. A jornalista explica que a criação desses elementos foi motivada pela insuficiência dos recursos proprietários, considerados pesados demais para permitir uma experiência de navegação confortável.

A entrevistada avalia como positiva, do ponto de vista da qualidade da produção, a utilização das ferramentas digitais em seu trabalho, embora reconheça as limitações oriundas da inexistência ou impossibilidade de uso de determinados recursos.

Eu classificaria num bom 8,5. Acho que avançamos bastante nos recursos. Estamos ficando mais confiantes, confortáveis e inteligentes usando os recursos que a gente tem, sejam os próprios, sejam os de terceiros. Mas entendo que há muitas coisas que não podemos fazer porque o sistema não permite ou não há tecnologia para fazer. Tem coisas que outros veículos fazem e que a gente ainda não consegue dentro do nosso escopo de ferramentas.

As configurações de trabalho presencial de jornalistas, em redações, agências e outros espaços, sinalizam para peculiaridades como a metrificação dos processos de trabalho, a centralidade de plataformas de redes sociais como referência para o planejamento e a composição de conteúdos e o já conhecido enxugamento das redações, que implica em ampliação de cargas horárias e acúmulo de funções entre os profissionais remanescentes, bem como os cada vez mais comuns adoecimentos. Esses aspectos são ratificados em pesquisas de escopo mais amplo, como o Perfil do Jornalista Brasileiro.

No Nordeste, a maioria dos jornalistas trabalha entre 7 e 8 horas diárias, representando 40,1% dos profissionais. Nesse universo, está a jornalista entrevistada, que cumpre jornada de sete horas diárias em seis dias na semana. O Perfil mostra aumento da quantidade de profissionais com cargas horárias acima de 9 horas diárias, podendo chegar, em quase 4% dos casos, a 13 horas ou mais.

Mesmo bastante jovem (24 anos), a entrevistada relata a ocorrência de doenças ocupacionais como tendinite aguda, que atribui às condições materiais desfavoráveis de trabalho, como ergonomia do mobiliário. Na região Nordeste, quase 20% dos respondentes da pesquisa do Perfil do Jornalista em 2021 acusa sintomas de Lesões por Esforços Repetitivos (LER) ou Distúrbios Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT). A jornalista também afirma sentir muito cansaço em determinados momentos, a exemplo das férias de colegas, quando a já reduzida equipe fica desfalcada, e também dos plantões, quando trabalha por 12 dias seguidos sem folgas. De forma geral, uma quantidade relevante de jornalistas nordestinos se percebem com estresse no trabalho — 64,6% de todos os respondentes, com 33,6% efetivamente diagnosticados — o que se

soma aos índices, também expressivos, de profissionais que sofreram algum tipo de assédio ou que não se sentem devidamente reconhecidos no trabalho.

Esses são alguns dos contornos das condições de trabalho de jornalistas no Ceará e no Nordeste, que evidenciam uma progressiva transformação nos processos produtivos das instituições jornalísticas e no perfil dos trabalhadores. A análise dos dados das demais entrevistas de nosso projeto pós-doutoral, bem como o exame das respostas de jornalistas cearenses na pesquisa do Perfil do Jornalista Brasileiro, contribuirão para fornecer mais subsídios à compreensão do trabalho digital dos jornalistas numa perspectiva local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação pretende contribuir para o entendimento das transformações no mundo do trabalho de comunicadores, em especial dos jornalistas. Nesse sentido, pretende aprofundar a caracterização do perfil dos trabalhadores em comunicação no Ceará, senda já aberta por estudos como o Perfil do Jornalista Brasileiro e a pesquisa Arranjos alternativos de trabalho em jornalismo no Ceará (COSTA *et al*, 2020).

A chave interpretativa mobilizada para esse fim é o trabalho digital, uma noção que se desdobra, no contexto desta pesquisa, em fenômenos como o trabalho plataformizado, as redações virtuais e o teletrabalho (*home office*). Metodologicamente, a investigação busca compreender as dimensões micro e macro do trabalho digital de jornalistas no Ceará. Por meio de entrevistas com profissionais, que trazem feição individual, localizada — correspondendo à dimensão micro —, às problemáticas situadas num escopo mais estrutural ou global — isto é, numa dimensão macro.

Os primeiros apontamentos permitidos pela investigação sugerem que o trabalho digital de jornalistas no Ceará é, sobretudo, um trabalho de plataformas, que instaura rotinas produtivas diferenciadas e também impõe novos métodos para atribuição de relevância ao produto jornalístico. A entrevista realizada no escopo da pesquisa salienta, em especial, a relevância de conglomerados de tecnologia nos processos produtivos, uma vez que diversas ferramentas e ambientes digitais de trabalho são fornecidos por essas empresas.

Essas reconfigurações podem trazer um custo alto à dignidade e salubridade do trabalho dos jornalistas, uma vez que implicam, em muitos casos, em longas jornadas,

rebaixamento da qualidade do produto e a adoção de uma lógica produtivista alicerçada nas métricas de plataformas. Esperamos avançar no sentido de produzir uma descrição mais densa desse estado de coisas, de modo a somar ao debate sobre as transformações estruturais do jornalismo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo (org.) **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

ARAÚJO, Mayara; COSTA, Rafael. Plataformização do trabalho jornalístico na modalidade home office durante a pandemia da Covid-19 no Ceará. In: 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022, João Pessoa. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2022.

BARROS, Janaina Visibeli. **Conglomerados midiáticos regionais: os meios de comunicação como meios de produção na territorialização do capital**. Tese de doutorado. Escola de Comunicações e Artes da USP. São Paulo, 2019

BARROS, J. V.; MARQUES, A. F.; KINOSHITA, J.; MOLIANI, J. A.; SILVA, N. R.; GROHMANN, R. A plataformização do trabalho jornalístico: dimensões, regime de publicação e agenda de pesquisa. **Avatares de la comunicación y la cultura**, n. 21, p. 1-21, 2021. ARK: <http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s18535925/kvf39ktoa>. Acesso em 10 jun. 2022.

CANT, Callum. **Riding for Deliveroo**. London: Polity, 2019.
CASILLI, Antonio. **En Attendant les Robots: enquête sur le travail du clic**. Paris: Seuil, 2019.

CASILLI, Antonio. Da classe virtual aos trabalhadores do clique: a transformação do trabalho em serviço na era das plataformas digitais. **MATRIZES**, 14(1), jan./abr. 2020, pp. 13-21. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p13-21>

COSTA, Rafael; SILVA, Naiana Rodrigues da. ARAÚJO, Mayara de; BATISTA, Raphelle. **Arranjos alternativos de jornalismo no Ceará: relações de comunicação e condições de trabalho - fase 1**. PráxisJor-UFC, 2020.

COSTA, Rafael; ARAÚJO, Mayara; BATISTA, Raphelle. Relações de comunicação e condições de produção em arranjos jornalísticos no Ceará: relatos de experiência e pontos de vista. **Avatares de la comunicación y la cultura**, v. 1, p. 1-25, 2021.

COSTA, Rafael; SILVA, Naiana Rodrigues. **Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia do Covid-19? Dados do Ceará**. São Paulo: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP); Fortaleza: PRAXISJOR-UFC, 2020.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online**. Salvador: EDUFBA, 2020.

FÍGARO, Roseli. Atividade de comunicação e de trabalho. **Trabalho, Educação e Saúde**, 6(1), 2008, pp. 107-146. <https://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462008000100007>

FÍGARO, Roseli. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Fronteiras** - Estudos Midiáticos, v. 16, n. 2, p. 124-131, 2014.
FÍGARO, Roseli. Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas. **Galáxia**, n.

39, set-dez., 2018, p. 177-189. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-255435905>

FÍGARO, Roseli; NONATO, Claudia (orgs.) **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil**: organização, sustentação e rotinas produtivas. São Paulo: CPCT-USP, 2021.

FÍGARO, Roseli (org.) **Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**, São Paulo: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.

FÍGARO, Roseli (org.). **As relações de Comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídias**. São Paulo: ECA-USP, 2018. Disponível em: <http://twixar.me/xGV1>

José Luiz FIORIN. Realização de José Luiz Fiorin. S.I.: **Abralin**, 2020. (106 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GEoK4J61kOA>. Acesso em: 03 jun. 2020.

FUCHS, Christian; SANDOVAL, Marisol. **Digital workers of the world unite!** A framework to critically theorising and analysing digital labour. *TripleC*. V. 22, n. 2, 2014.

GROHMANN, Rafael. Cooperativismo de plataforma e suas contradições: análise de iniciativas da área de comunicação no Platform.Coop. **Liinc em Revista**. V. 14, n. 1, 2018.

GROHMANN, Rafael; NONATO, Claudia; MARQUES, Ana Flávia, ACOSTA CAMARGO, Camila. As Estratégias de Comunicação das Plataformas de Trabalho: Circulação de Sentidos nas Mídias Sociais das Empresas no Brasil. **COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE**, v. 39, p. 17-37, 2021.

GROHMANN, Rafael. (org.). **Os Laboratórios do Trabalho Digital**. São Paulo: Boitempo, 2021.

JENSEN, Klaus Brun; JANKOWSKI, Nicholas W. (eds.). **Metodologias cualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona, Bosch, 1993.

LIMA, Samuel; MICK, Jacques; NICOLETTI, Janara; BARROS, Janaina Visibeli; HENRIQUES, Rafael Paes; MOLIANI, João Augusto; PATRÍCIO, Edgard; PEREIRA, Fábio Henrique; ZACARIOTTI, Marluce. Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Editora Pontes, 2012.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à Linguística** - fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2009, p. 353-392.

PROJOR. **Atlas da Notícia**. Recuperado em 10 julho, 2022, de <https://www.atlas.jor.br/>.

SILVA, Ana Flávia Marques da. **Redação Virtual e as rotinas produtivas nos novos arranjos alternativos às corporações de mídia**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) — Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SILVA, Naiana Rodrigues da. **As relações de comunicação e de trabalho de jovens jornalistas cearenses**: um estudo sobre as dramáticas do uso de si, a deontologia e o ethos profissionais. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) — Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

UFC. **Painéis de Indicadores da Graduação**. Disponível em <https://bit.ly/painelprograd>. Acesso em 12 out. 2022.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WOODCOCK, Jamie.; GRAHAM, Mark. **The Gig Economy**: a critical introduction. London: Polity, 2019.